

OK kids!

38pg

Eléctra

Eurípides

tragédia grega

gais, espera, humilhada, pelo regresso do irmão. Os antecedentes da *Electra*, até o assassinato de Agamêmnon, constituem o tema da belíssima peça de Ésquilo que tem o nome do chefe grego, publicada em tradução nossa por Jorge Zahar Editor juntamente com as duas outras peças que compõem a *Oréstia*.

A *Electra* começa com o retorno de Orestes a Micenas, cerca de onze anos após o crime, para vingar a morte do pai, assunto também das *Coéforas* de Ésquilo.

Na antiguidade o tema da *Electra* inspirou, além das *Coéforas* de Ésquilo, a *Electra* de Eurípides. Em nossa época ele foi retomado por Eugene O'Neil em *Mourning Becomes Electra* e na *Elektra* de Ezra Pound em colaboração com Rudd Fleming (publicada pela Princeton University Press, 1987, reimpressão de 1989).

Para a tradução consultamos com maior freqüência, embora sem exclusividade, o texto da edição de A. C. Pearson (*Sophoclis Fabulae*, Oxford, Clarendon Press, 1924); recorremos também às edições de R. C. Jebb (cujo abundante comentário nos foi útil), de P. Masqueray e de A. Dain (ambas da "Belles Lettres"), para desfazer dúvidas na interpretação de passagens difíceis do texto.

Época da ação: idade heróica da Grécia.

Local: Micenas (Grécia).

Primeira representação: 413 a. C. (data aproximada), em Atenas.

#### PERSONAGENS

CLITEMNESTRA, viúva de Agamêmnon, casadas em segundas núpcias com Egisto, seu cúmplice no assassinio do primeiro marido.

EGISTO, primo de Agamêmnon.

ELECTRA

ORESTES

CRISÓTEMIS

filhos de Clitemnestra e de Agamêmnon.

PRECEPTOR, antigo criado de Agamêmnon.

PÍLADES, personagem mudo, amigo inseparável de Orestes.

CRIADA de Clitemnestra.

CRIADOS (dois) de Orestes.

CORO, constituído de mulheres mais idosas que Electra.

CENÁRIO

Frontispício do palácio real de Micenas. É madrugada. Pela esquerda entram o PRECEPTOR, ORESTES e PÍLADES. Como o palácio fica na Acrópole, supõe-se que de lá se vêem toda a planície de Argos, a ágora e os templos de Apolo e de Hera.

PRECEPTOR

Contempla finalmente, filho de Agamêmnon, o heróico vencedor de Tróia, tudo quanto há prolongados anos desejavas ver.

Aí está a antiga Argos que buscavas<sup>1</sup>, terra bendita da infeliz filha de Ínaco<sup>2</sup>; ali, Orestes, vês o altar do próprio Apolo<sup>3</sup>, o matador de lobos; mais além, à esquerda, o templo renomado de Hera; prosseguindo verás Micenas muito rica e o palácio ensangüentado tantas vezes dos Pelópidas<sup>4</sup>.

Há muito tempo te levei de lá comigo cumprindo determinações de tua irmã, teu sangue, Electra, quando mataram teu pai; salvei-te e desde então cuidei de ti com zelo para que um dia fosses o seu vingador.

Sem mais qualquer demora, Orestes, e tu, PílaDES<sup>5</sup> — o melhor dos amigos em terras estranhas —, devemos resolver o que tem de ser feito; o sol já deixa ver a sua luz e os pássaros despertam gorjeando com a claridade; a negra noite das estrelas acabou.

Antes que alguém lá do palácio possa ver-nos ajamos; não é hora de perdermos tempo.

ORESTES

Meu guia devotado, amigo incomparável, tenho de elogiar a tua lealdade. Ages como bravo corcel de raça nobre

5

10

15

20

25

79

que mesmo idoso sempre luta; valoroso,  
tu nos incitas e até vais à nossa frente!  
Antes explicarei, amigo, nossos planos;  
ouve-me atentamente, vê se estás de acordo 30  
e fazes as objeções que parecerem justas.  
Quando me dirigi ao santuário pítico<sup>6</sup>  
para saber como vingar em seus algozes  
o meu pai morto, recebi ordens de Febo<sup>7</sup>:  
— que sem escolta, por ardis e de surpresa 35  
eu mesmo os abatesse com as minhas mãos.  
Foi tudo quanto disse o deus. Vai ao palácio  
e trata de saber o que se passa lá;  
volta com os esclarecimentos necessários.  
Estás idoso, muitos anos transcorreram; 40  
nenhum dos moradores saberá quem és.  
Podes apresentar-te como forasteiro  
vindo de longe, servo do bom Fanoteu<sup>8</sup>,  
fiel amigo dos senhores de Micenas.  
Dize-lhes e confirma com teu juramento 45  
que por fatalidade Orestes faleceu,  
lançado fora de seu carro velocíssimo  
nos jogos pítics; assim hás de falar<sup>9</sup>.  
Enquanto vais derramo tristes libações  
na sepultura de meu pai e lhe dedico 50  
também os meus cabelos como quer Apolo.  
Após as libações sacramentais traremos  
a urna brônzea feita por artista hábil,  
oculta por enquanto em meio àquelas árvores,  
e iremos alegrá-los com a notícia falsa 55  
de que meu corpo forte não existe mais:  
queimaram-no numa fogueira e restam cinzas.  
E por que não falar assim? Morto em palavras,  
pelas ações mostro-me vivo e ganho glória;  
palavras úteis não serão de mau agouro. 60  
De numerosos homens sei que foram tidos  
como finados em relatos vãos, mas voltam  
depois aos lares com maiores honrarias;  
ressurgirei na ocasião propícia, vivo,  
e entre meus inimigos a minha presença 65  
terá o brilho das estrelas cintilantes.  
Mãe-pátria e divindades todas desta terra!  
Com bons augúrios recebi o meu regresso!  
E tu, mansão de meus nobres antepassados,

manda-me um deus purificar-te com justiça. 70  
Que eu não retorne desonrado! Sejam minhas  
de novo as minhas terras e a casa paterna!  
Tudo foi dito; agora cumpre-te, ancião,  
realizar a tua parte na incumbência;  
nós dois seguimos; vamos arriscar a sorte, 75  
senhora de nossos sucessos e fracassos.

ELECTRA

*De dentro do palácio*

Ai! Infeliz de mim!

PRECEPTOR

Escuto neste instante  
uma servente lamentando-se lá dentro.

ORESTES

Quem sabe se não é a malfadada Electra?  
Queres que fique aqui, ouvindo seus gemidos? 80

PRECEPTOR

Não; mas tratemos de atender, sem vacilar,  
às ordens dadas por Loxias; comecemos<sup>10</sup>  
oferecendo as libações sacramentais  
ao morto, pois somente assim será possível  
colher enfim a difícilíssima vitória. 85

*Saem o PRECEPTOR por um lado e ORESTES e PÍLADES  
por outro. Pelo fundo entra ELECTRA, vinda do  
palácio, seguida pelas mulheres do CORO*

ELECTRA<sup>11</sup>

Divina claridade e ar divino,  
roupagem lúcida de nossa terra!  
Quantas lamentações minhas ouvistes  
e quantos golpes surdos desferidos



em meu sofrido peito lacerado 90  
 sempre que a noite negra terminava!  
 E meu leito odiado é testemunha  
 das lacrimosas e longas vigílias  
 sofridas no palácio repugnante  
 e dos soluços por meu pai — coitado! — 95  
 que o sanguinário Ares não ceifou<sup>12</sup>  
 em terras bárbaras, mas minha mãe  
 e Egisto, seu companheiro de leito,  
 mataram com seguidos golpes pérfidos  
 iguais aos de robustos lenhadores 100  
 quando cortam tranqüilamente as árvores!  
 E não se escuta aqui outro lamento  
 além dos meus por esse crime horrível  
 em que tu foste a vítima, meu pai,  
 de insidiosa morte! Mas meu pranto 105  
 não cessará, nem meus sentidos ais,  
 enquanto eu contemplar os raios trêmulos  
 dos astros para sempre cintilantes  
 e a claridade de todos os dias!  
 Igual ao pássaro que perde os filhos,  
 jamais eu parei de soluçar 110  
 e de gritar alucinadamente  
 diante do palácio de meu pai!  
 Domínios de Perséfone e de Hades<sup>13</sup>!  
 Hermes do inferno e Maldição divina, 115  
 e vós, augustas, implacáveis Fúrias,  
 filhas dos deuses todo-poderosos,  
 vós que vedes os crimes sem castigo  
 e os vivos neste mundo espoliados  
 até do próprio leito, socorrei-me 120  
 para vingar a morte de meu pai!  
 Mandai de volta meu irmão Orestes!  
 Já não consigo suportar sozinha  
 o peso desta mágoa esmagadora!

## CORO

Electra, filha da mulher mais pérfida! 125  
 Por que lamentas quem há tanto tempo  
 foi vítima de sua própria esposa,  
 autora de uma trama insidiosa?  
 Por que inda pranteias Agamêmnon,

morto por golpes de mãos criminosas? 130  
 Nossas palavras são: morra quem mata!

## ELECTRA

Viestes minorar as minhas dores,  
 nobres amigas; ouço e compreendo  
 vossas palavras, mas não tenho ânimo  
 para deixar de lamentar meu pai. 135  
 Amigas, cujo amor é igual ao meu,  
 abandonai-me ao desespero! Peço-vos!

## CORO

Jamais, porém, farás teu pai voltar  
 do silêncio do Hades, fim de todos,  
 nem com soluços, nem com desespero. 140  
 Sem resistência e sem moderação  
 entregas-te a um pranto interminável  
 que não te livra de teu sofrimento.  
 Por que te enamoraste da desgraça?

## ELECTRA

Não tem um mínimo de sentimento 145  
 quem consegue esquecer por um instante  
 a morte trágica de um pai amado.  
 Não! Meu sofrido coração prefere  
 o aflito pássaro, tão caro a Zeus<sup>14</sup>,  
 chorando os filhos incessantemente. 150  
 Ah! Níobe, infeliz eternamente<sup>15</sup>!  
 És para mim igual às divindades,  
 tu que, petrificada, choras sempre!

## CORO

Não só a ti entre os mortais, Electra,  
 a dor aflige e tira a quietude; 155  
 nisto pareces muito mais sensível  
 que tuas queridas irmãs — Crisôtémis  
 e Ifiânassa —, acomodadas<sup>16</sup>  
 no palácio de nossos soberanos,  
 e aquele que, feliz e vigoroso 160

em sua mocidade, há de voltar  
dentro de pouco tempo — queira Zeus! —  
para viver na terra dos micênios  
cheios de glória — Orestes nobilíssimo!

## ELECTRA

Espero-o indefinidamente 165  
sem filhos, sem esposo, desditosa,  
sem perspectivas e desfeita em lágrimas,  
vencida por desgraças sucessivas;  
mas ele esquece o que sofreu e ouviu!  
As novidades a respeito dele 170  
nos chegam e são logo desmentidas.  
Orestes sempre anseia por voltar,  
mas mesmo desejando nunca vem.

## CORO

Coragem, filha! Deves ter coragem!  
Ainda está no céu o grande Zeus 175  
que tudo pode e tudo vê no mundo;  
confia-lhe tua penosa cólera.  
Não te arremesses contra os inimigos  
mas nunca os tires de tua memória;  
o tempo é deus e conciliador. 180  
Estão sempre pensando em ti, Electra,  
o esperado filho de Agamêmnon  
nas campinas bucólicas de Crisa<sup>17</sup>  
e o deus supremo do rio Aqueronte<sup>18</sup>.

## ELECTRA

Eu sei, mas já passou amargamente 185  
a melhor parte de minha existência.  
Aguardo a morte sem ter tido filhos  
e sem amigos para proteger-me...  
Não posso mais!... Como se fosse intrusa  
e sem direitos, vivo como serva 190  
neste palácio onde meu pai foi rei,  
vestida nesta roupa degradante,  
de pé, em frente à mesa sem convivas.

## CORO

Tristes gemidos ao chegar de volta,  
tristes gemidos nos coxins festivos 195  
de seu palácio, quando o rei caiu<sup>19</sup>  
sob os golpes fatais, terríveis, rápidos,  
da impiedosa lâmina de bronze!  
Mentor foi Dolo e foi verdugo Amor!  
Cena terrível, morte preparada 200  
por algum deus ou mesmo por mortais!

## ELECTRA

Ah! Dia mais funesto em minha vida!  
Ah! Noite inesquecível para sempre!  
Ah! Festa horrível e cheia de sangue!  
Meu pai previu os golpes crudelíssimos 205  
vindos das mãos da dupla de homicidas  
que aniquilaram a minha existência!...  
Puna-os, pois, com as mais pesadas penas<sup>20</sup>  
o grande e poderoso Zeus Olímpico!  
Jamais desfrutem ambos de alegrias, 210  
eles, autores do nefando crime!

## CORO

Esforça-te por moderar-te, Electra.  
Não percebeste que o ressentimento  
já te causou incalculáveis mágoas?  
Alimentando sem cessar o ódio 215  
atrais rancor e novos sofrimentos;  
é inútil resistir aos poderosos.

## ELECTRA

Fatos terríveis inda me constrangem  
e não consigo disfarçar a ira;  
não poderei silenciar jamais 220  
diante desta enorme desventura.  
Quem de bom senso, minhas companheiras,  
exigirá que eu abra meus ouvidos  
a uma só palavra de consolo?  
Deixai-me, companheiras prestimosas!... 225

Males iguais aos meus não têm remédio.  
Nunca me livrarei de minha angústia  
e destes meus soluços incessantes!...

## CORO

Aconselhamos-te, porque te amamos  
como se fôssemos mães devotadas,  
a não somar desgraças à desgraça.

230

## ELECTRA

Pode-se ponderar no desespero?  
É justo negligenciar os mortos?  
Entre que homens se procede assim?  
Nunca me louvem essas criaturas!  
Nem possa eu jamais ter qualquer bem  
ou deles desfrutar tranqüilamente  
se de meus tristes ais fechar as asas  
por omitir-me no culto a meu pai!  
Se quem é morto criminosamente  
jaz transformado em pó e nada mais  
e não há punição para quem mata,  
então a dignidade e a reverência  
não mais existirão entre os mortais!

235

240

## CORIFEU

Estou aqui, Electra, por teu próprio bem,  
que é o meu; mas se não posso convencer-te  
prosseguiremos juntas; seja como queres.

245

## ELECTRA

Sinto vergonha, amigas minhas, de entregar-me  
a esta dor demasiada; suportai-me;  
a tanto me compele o mal que me causaram.  
Seria natural outro comportamento  
quando vou percebendo cada vez mais nítido  
o desmoronamento desta casa ilustre?  
Em vez de mãe tenho terrível inimiga;  
neste palácio em que deveria ser dona

250

255

sou uma escrava dos verdugos de meu pai.  
Podeis imaginar a minha vida aqui  
vendo no trono de meu pai finado Egisto  
envolto nas vestes reais de sua vítima,  
propiciando as oferendas consagradas  
exatamente no lugar do crime horrível;  
ainda mais, tenho de ver o escárnio máximo:  
no leito régio o miserável criminoso  
com sua torpe cúmplice — com minha mãe  
(se é mãe quem compartilha o leito de tal homem!).  
Ela, sem recear as Fúrias vingadoras  
e como se seu crime fosse um feito honroso,  
festeja o dia do assassinio de meu pai,  
da morte degradante, com danças e cantos  
e sacrifícios aos deuses libertadores!  
Que poderia eu fazer senão chorar?  
Choro na solidão do palácio paterno  
enquanto a festa impiedosa realiza-se,  
mas o meu pranto não me traz alívio algum.  
Por isso essa mulher fingidamente nobre  
lança-se contra mim gritando mil injúrias:  
"Peste perversa! Apenas tu perdeste o pai?  
Nenhum mortal é infeliz? Só tu, mulher?  
Maldita sejas e os bons deuses não te valham!"  
São esses os insultos dela, salvo quando  
alguém lhe diz que Orestes poderá voltar.  
Então o seu furor atinge o paroxismo:  
"Tu foste a causadora disso tudo, Electra!  
Sei que salvaste o teu irmão naquele dia  
premeditando males para tua mãe,  
mas não te iludas! Teu castigo chegará!"  
Nesses excessos jamais lhe falta o estímulo  
do renomado esposo, do covarde em tudo,  
que só peleja auxiliado por mulheres.  
Agora Orestes é a única esperança  
para pôr termo às minhas aflições presentes;  
enquanto espero perco o ânimo, definho...  
O seu regresso ainda é promessa vã  
e já descreio do presente e do futuro.  
Pensais ainda, amigas, em moderação  
ou reverência? Em meio a males tão terríveis  
é natural que também eu proceda mal.

260

265

270

275

280

285

290

295

CORIFEU

Ousas falar assim? E se te ouvisse Egisto?  
Ou porventura neste instante ele está longe?

ELECTRA

Longe, sem dúvida! Se ele estivesse perto  
nem mesmo à porta eu chegaria; foi ao campo.

300

CORIFEU

Já que podes falar, posso fazer perguntas?

ELECTRA

Tantas quantas quiseses; eu responderei.

CORIFEU

É a propósito de teu irmão ausente.  
Virá depressa? Tardará? Ou nada sabes?

305

ELECTRA

Ele promete vir, mas fica nas promessas...

CORIFEU

É muito natural haver hesitação  
antes de grandes e graves resoluções.

ELECTRA

Mas eu não hesitei na hora de salvá-lo!

CORIFEU

Sê corajosa! Orestes é nobre demais  
para deixar de vir salvar os seus amigos.

310

ELECTRA

Confio; se não fosse assim, não viveria.

CORIFEU

*Vendo CRISÓTEMIS aproximar-se*

Convém fazer silêncio; vejo tua irmã,  
Crisótemis, trazendo algumas oferendas,  
dessas que geralmente se levam aos mortos.

315

*Entra CRISÓTEMIS, com roupas finas e bem cuidadas  
contrastando com as de ELECTRA*

CRISÓTEMIS

Por que vieste novamente, irmã, gritar  
e lamentar-te assim às portas do palácio?  
Não aprendeste, decorrido tanto tempo,  
que o ódio apenas nutre inúteis esperanças?  
Sabes que também sofro com nossa desdita;  
mostrar-lhes-ia, se pudesse, meu repúdio,  
mas na desgraça é preferível ser prudente  
e não premeditar quiméricas vinganças.  
Ah! Se pensasses de maneira semelhante!  
Sei que a justiça não está comigo, irmã,  
está contigo, mas se quero viver bem  
devo curvar-me aos detentores do poder.

320

325

ELECTRA

Estranho! Teu pai foi um homem tão ilustre  
e podes esquecê-lo e cuidas simplesmente  
de viver bem com tua mãe desnaturada!  
Todos os teus conselhos aprendeste dela;  
és incapaz de proferir palavras próprias.  
Escolhe, então, Crisótemis, entre a prudência  
hostil a teus amigos, que já esqueceste,  
e a luta perigosa, cara às almas nobres.  
Disseste agora mesmo, irmã, que se pudesses  
demonstrarias o teu ódio pelos dois;  
a mim, porém, que tudo faço por teu pai,  
para vingá-lo, não me dás apoio algum  
e tentas impedir até a minha ação!  
Aos nossos males vem juntar-se a covardia.

330

335

340



Dize também — ou se preferes eu direi —:  
 que lucraria pondo fim aos meus lamentos?  
 Não vivo? Mal, eu sei, mas é suficiente.  
 Sempre hostilizo nossos arquiinimigos 345  
 e talvez isso dê satisfação ao morto,  
 se os mortos podem ter qualquer satisfação.  
 Teu ódio, esse vive apenas em palavras;  
 de fato, segues os algozes de teu pai;  
 eu, entretanto, não me curvarei a eles 350  
 embora me prometam todos os presentes  
 que agora ostentas com tamanha vaidade;  
 mostre-se tua mesa cada vez mais farta  
 e sejam os teus dias superabundantes;  
 a mim, porém, me satisfaz só o bastante 355  
 para viver em paz com minha consciência.  
 Não pretendi em tempo algum teus privilégios,  
 nem os desejaras se fosses prudente.  
 Não queres juntar o teu nome ao de teu pai;  
 preferes reuni-lo ao dessa mãe perversa 360  
 para maior realce de tua baixeza,  
 traindo o pai vilmente morto e teus amigos!

CORIFEU

Não, pelos deuses! Não te entregues tanto à ira!  
 As duas colherão proveito certamente  
 se cada uma ouvir a opirfão da outra. 365

CRISÓTEMIS

*Dirigindo-se ao CORO*

De tanto ouvir estou acostumada, amigas,  
 a esses impropérios muito repetidos,  
 nem voltaria a discutir se não soubesse  
 que novos e maiores males a ameaçam,  
 capazes de acabar com toda as lamúrias. 370

ELECTRA

Prossegue! Quais serão os males? Se falares  
 de algum maior que os meus, eu não replicarei.

CRISÓTEMIS

Se queres realmente conhecê-los, falo.  
 Mandar-te-ão, se não mudares de atitude,  
 para confins onde jamais verás o sol;  
 lançada viva em escuríssima caverna 375  
 longe daqui, irás cantar teus males nela.  
 Reflete agora e não me culpes se mais tarde  
 vieres a sofrer; é tempo de pensar.

ELECTRA

Foi esta a decisão tomada pelos dois? 380

CRISÓTEMIS

Não tenhas dúvidas; logo que volte Egisto.

ELECTRA

Se depende só disso, volte sem demora!

CRISÓTEMIS

Pareces transtornada! Que desejo é este?

ELECTRA

Que volte sem demora! Não me atemorizam!

CRISÓTEMIS

Para sofreres mais ainda? Já não pensas? 385

ELECTRA

Para ficar distante dessa gente toda.

CRISÓTEMIS

Não cuidas nesta hora nem de tua vida?

ELECTRA

É grande maravilha minha vida agora...

CRISÓTEMIS

Mas poderia ser, se fosses razoável.

ELECTRA

Não me aconselhes a trair os meus amigos!

390

CRISÓTEMIS

Eu não a recuar diante dos mais fortes.

ELECTRA

Adula-os! Tuas palavras não me afetam!

CRISÓTEMIS

Sei, mas prefiro não cair por teimosia.

ELECTRA

Pois cairei, mas exaltando nosso pai!

CRISÓTEMIS

Procêdo assim, mas ele me perdoará.

395

ELECTRA

São agradáveis aos covardes tais palavras...

CRISÓTEMIS

Não cederás, então, nem ouvirás conselhos?

ELECTRA

Jamais serei tão insensata! Não e nunca!

CRISÓTEMIS

Então retomarei o meu caminho, irmã.

ELECTRA

Aonde vais? As oferendas, a quem levas?

400

CRISÓTEMIS

São para nosso pai; mandou-as nossa mãe.

ELECTRA

Mas, como? À pessoa que ela mais odiou?

CRISÓTEMIS

À sua vítima, se é isso que insinuas.

ELECTRA

Quem a persuadiu? Desejo estranho esse...

CRISÓTEMIS

A causa desta vinda foi um sonho insólito.

405

ELECTRA

Deuses dos meus avós! Enfim estais comigo!

CRISÓTEMIS

Anima-te o terror de nossa mãe agora?

ELECTRA

Responderei se me contares todo o sonho.

CRISÓTEMIS

Do sonho quase nada sei para contar.

ELECTRA

Revela-me esse quase nada; muitas vezes  
poucas palavras perdem-nos ou então salvam-nos.

410

## CRISÓTEMIS

Disseram que ela viu meu pai ressuscitado;  
 ele, empunhando o cetro régio muito antigo,  
 plantou-o em terra; o cetro transformou-se em árvore  
 imensa, recobrando o chão micênio inteiro. 415  
 Eis a visão; ao despertar, quis Clitemnestra  
 comunicá-la ao Sol em suas orações;  
 o medo fê-la então pensar nas oferendas.  
 Peça-te pelos deuses! Ouve! Não te perca  
 a insensatez, irmã! Se agora me repeles,  
 depois me buscarás, no dia da desgraça! 420

## ELECTRA

Não deixes nada do que tens tocar no túmulo!  
 Nem os preceitos dos mortais, nem os divinos  
 permitem a consagração das oferendas  
 mandadas pela mais perversa das esposas;  
 será mais natural deixar que o vento as leve  
 ou escondê-las todas no âmago da terra,  
 onde jamais possam ir perturbar meu pai;  
 e quando tua mãe morrer, vá encontrá-las  
 intactas e guardadas para ela mesma! 430  
 Se lhe restasse um mínimo de sentimento  
 nunca haveria Clitemnestra de pensar  
 em espargir as libações abomináveis  
 — mensagem pérfida de óbvia inimizade —  
 sobre o jazigo de meu pai, de sua vítima! 435  
 Supões que o morto acolherá com alegria  
 presentes dessas mãos manchadas pelo crime,  
 das mãos que o mutilaram e o assassinaram  
 como se fosse um inimigo e não marido,  
 perversas mãos profanadoras que limparam  
 o sangue ainda quente nos cabelos dele? 440  
 Pensas que as oferendas dela apagam crimes?  
 Não é possível! Deixa-as de lado, irmã;  
 põe sobre a sepultura alguns de teus cabelos<sup>21</sup>;  
 por mim — é tudo quanto posso dar, coitada! —  
 dedica-lhe estes meus cabelos maltratados  
 e este modesto cinto gasto pelo uso. 445  
 Prosterne-te diante do sepulcro e roga  
 a nosso pai que saia do seio da terra

e nos ajude contra nossos inimigos 450  
 e mande-nos seu filho para derrotá-los!  
 Se as nossas súplicas chegarem até ele  
 iremos no porvir ao túmulo paterno  
 com mãos muitíssimo mais cheias que as de agora.  
 Vejo no sonho aterrador de Clitemnestra 455  
 a participação de nosso nobre pai;  
 se deres acolhida ao meu pedido justo  
 serás tão útil a ti mesma quanto a mim  
 e ao mais merecedor de apreço entre os mortais,  
 a nosso pai, que hoje repousa lá no Hades. 460

## CORIFEU

Há piedade em todas as palavras dela.  
 Atende! Age como ela pediu, Crisótemis!

## CRISÓTEMIS

Vou e obedecerei; não é sensato opor-me;  
 se isto é justo, manda-me a razão ceder. 465  
 Silenciai enquanto estou agindo, amigas;  
 se minha mãe mesmo de longe suspeitasse,  
 a desobediência custaria caro.

*Afasta-se CRISÓTEMIS*

## CORO

Se somos profetisas confiáveis  
 e nossa mente não quer enganar-nos,  
 há de a justiça pressentida vir 470  
 trazendo-nos a vitória ansiada  
 em suas mãos; ela virá vingar-nos  
 sem mais delongas. Volta-nos o ânimo  
 com a descrição do sonho transparente.  
 Teu pai, senhor dos gregos vencedores, 475  
 não está esquecido, e nos lembramos  
 da lâmina de bronze de dois gumes  
 que o golpeou insidiosamente  
 e lhe tirou a vida. Há de a vingança  
 vir com pesados, incontáveis pés  
 e numerosas mãos, dissimulada 480



em lúgubre cilada inevitável.

Quem não devia deixou-se envolver  
em bodas ímpias, mortais, adúlteras<sup>22</sup>,  
caindo numa voragem fatídica.

Pelos sinais, agora, com certeza  
virá para os verdugos e seus cúmplices  
o mais cruel de todos os castigos;

se deste sonho nada resultar,  
não há nessas negras visões noturnas  
nem vaticínios nem simples mensagens  
para nós todos, mortais indefesos!

Ah! Corrida remota do rei Pêlops<sup>23</sup>,  
tão fértil em desditas infundáveis!

Como foste funesta à nossa raça!  
Desde que Mítilo sumiu nas ondas,  
lançado brutalmente de seu carro,  
jamais esteve ausente desta casa  
a violência pródiga em desgraças.

*Aparece CLITEMNESTRA, seguida de uma servente,  
também com oferendas fúnebres*

CLITEMNESTRA

*Dirigindo-se a ELECTRA*

Vejo-te espaiar de novo, como queres,  
aproveitando a ausência do zeloso Egisto,  
pois ele não te deixa, quando está presente,  
transpor as portas para injuriar amigos.

A mim, tu não me dás a mínima importância,  
embora fales muito e sempre a toda gente  
de minha rispidez, do tratamento injusto  
e insultos meus a ti e a teus poucos sequazes.

Não te desconsidero nem sou insolente,  
e se te falo com severidade às vezes  
é que tu mesma me provocas e destratas.

Matei — pretextas sempre — teu querido pai:  
sim, fui eu mesma, não irei negar agora,  
mas não fui eu sozinha; estava com a justiça  
que acatarias se não fosses temerária.

Pois esse pai, por quem ainda e sempre choras,  
foi entre os gregos todos o único a ousar

sacrificar aos deuses a filha inocente<sup>24</sup>,  
sem meditar nas minhas dores quando a tive!  
Por que, a quem teu pai tirânico imolou-a?

Dirás que pelos gregos. Poderia ele  
assassiná-la? Mas se foi por Menelau<sup>25</sup>,  
por seu irmão, mereceria ou não castigo?

Dois filhos tinha Menelau, que com razão  
de preferência à minha filha deveriam  
ter sido as vítimas do sacrifício bárbaro,  
pois foi Helena a causadora da contenda.

Teria o Hades tanta fome de meus filhos,  
levando-me Ifigênia em vez dos outros dois,  
filhos de Helena sedutora e Menelau?

Teria esse pai sem coração perdido  
toda a ternura pelos filhos de meu ventre?  
Conheces homem mais perverso e insensível?

Sei que discordas, mas meu pensamento é este  
e se tivesse voz a minha filha morta  
diria o mesmo; devo, então, sentir remorsos?

Aí estão meus sentimentos; se os reprovos,  
vê se teu próprio julgamento é mais sensato  
antes de censurar quem discorda de ti.

ELECTRA

Não digas desta vez que fui provocadora  
e apenas replicaste; se me dás licença,  
externarei minhas idéias a propósito  
do fim de minha irmã, da morte de meu pai.

CLITEMNESTRA

Permitirei; se me falasses sempre assim,  
não me seria tão penoso ouvir-te, Electra.

ELECTRA

Pois falo. Admites o assassinio de meu pai.  
Haveria palavras mais cruéis que essas,  
fosse o teu crime inominável justo ou não?  
E digo que não o mataste justamente;  
foste induzida pelo companheiro pérfido  
com quem prossegues convivendo ainda hoje.



Pergunta à caçadora Ártemis o insulto<sup>26</sup>  
 que ela puniu sustando os ventos lá em Áulis<sup>27</sup>!  
 Ou eu direi, pois dela não terás resposta.  
 Meu pai, segundo contam, passeava um dia  
 num bosque consagrado à deusa imaculada 555  
 quando, assustada com seus passos, irrompeu  
 malhada corça, rara, com os chifres longos;  
 ferindo-a, disse meu pai naquele dia  
 não sei que ímpias palavras de vanglória;  
 irada, Ártemis reteve a armada grega 560  
 e estipulou como resgate necessário  
 da corça morta por meu pai no bosque santo  
 o sacrifício ali de sua própria filha.  
 Foi condição imposta pela deusa casta  
 para tornar a expedição realizável, 565  
 tanto na ida como no retorno à Grécia.  
 Depois de muito relutar, desesperado,  
 meu pai sacrificou-a, não por Menelau.  
 Mas vou pensar por um momento como tu;  
 se para o bem de seu irmão ele a imolou 570  
 disso nasceu o teu direito de matá-lo?  
 Não viste que, criando semelhante lei,  
 ensejarias tua própria punição?  
 Se cada morte fosse castigada sempre  
 com outra morte, morrerias por vingança. 575  
 Não me convencem tão hipócritas desculpas,  
 pois crime mais infame inda praticas hoje:  
 convives como esposa com o celerado  
 que te ajudou a trucidar meu nobre pai;  
 tens filhos dele, e quanto aos teus primeiros filhos 580  
 — honrada prole de união abençoada —  
 tu os expulsas da mansão que lhes pertence!  
 Reputas dignas de elogios tais ações?  
 Vingas também a filha agindo dessa forma?  
 Se é esta a tua idéia, perdeste a vergonha! 585  
 Podes amar um inimigo por vingança?  
 Nem um conselho posso dar-te; não permites;  
 irás dizer que falo mal de minha mãe,  
 mas eu te considero menos mãe que algoz,  
 tão grandes são os males que me fazes hoje 590  
 para maior prazer de Egisto, teu comparsa.  
 Orestes, que de tuas mãos salvei a custo,  
 vive distante a vida inglória de exilado.

Acusas-me freqüentemente de o ter salvo  
 para punir mais tarde teu nefando crime;  
 assim faria se pudesse, tem certeza! 595  
 Aponta-me aos micênios como desleal,  
 como atrevida, até despudorada, ou mais,  
 pois se sou bem dotada dessas "qualidades"  
 recebi-as de ti; sou digna de teu sangue! 600

CORIFEU

Ela respira ódio e nem sequer lhe importa  
 saber se está ou não do lado da justiça.

CLITEMNESTRA

*Dirigindo-se ao CORIFEU*

Que punição merece esta mulher? Insulta  
 desta maneira insólita a mãe idosa...  
 Não a julgas capaz de, sem hesitação,  
 chegar a extremos de torpeza inda piores? 605

ELECTRA

Tenho vergonha disto, embora não me creias;  
 não sendo mais criança ajo deste modo,  
 mas induzida por teus péssimos exemplos;  
 o mau procedimento faz proceder mal. 610

CLITEMNESTRA

Desrespeitosa criatura! Quanto assunto  
 te dão minhas palavras e minhas ações!...

ELECTRA

As más ações são tuas e as palavras más;  
 apenas a censura é minha; não estranhes,

CLITEMNESTRA

Por Ártemis! Há de custar-te muito caro  
 o atrevimento! Egisto te castigará! 615

ELECTRA

Viste? Permites-me falar e logo cedas  
ao ódio habitual e me fazes calar!

CLITEMNESTRA

Depois de tanto abuso à minha permissão  
pretendes impedir à custa de impropérios  
que eu leve minhas oferendas ao defunto?

620

ELECTRA

Sou eu quem pede; vai, perfaze então os ritos;  
esquece meus protestos; nada mais direi.

*CLITEMNESTRA dirige-se ao altar de Apolo  
com uma criada*

CLITEMNESTRA

Ergue, criada, a dádiva de muitos frutos;  
é hora de pedir ao deus que me liberte  
de meus temores, tenham fundamento ou não.  
Apolo protetor! Escuta as minhas súplicas  
e sê benevolente se eu não for explícita!  
Tenho inimigos e seria perigoso  
expor meu pensamento com total clareza  
sabendo que ela está perto de teu altar<sup>28</sup>;  
levada pela ira e por maledicência  
ela divulgará pela cidade toda  
rumores pérfidos. Terei de ser discreta.  
Se for para meu bem, Apolo, concretiza  
a singular visão que tive em sonho dúbio.  
Mas se o inverso for verdade e anunciar  
desastres iminentes, faze-os recair  
inteiramente sobre nossos inimigos!  
E se algum deles pensa mesmo em usurpar  
o meu poder presente, não lhe dês apoio!  
Peço-te a graça, deus, de sempre ser senhora  
do cetro dos Atridas e de seus domínios,  
vivendo bem com meus amigos atuais  
e com meus filhos que não sintam pela mãe

625

630

635

640

645

nem desamor nem rancorosa prevenção!  
Exalça, Apolo, minhas preces ansiosas  
e acolhe minhas pretensões; elas são justas.  
Quanto ao que tenho de calar, és deus, Apolo,  
e facilmente poderás adivinhar;  
tudo se evidencia aos filhos do bom Zeus.

650

*Entra o PRECEPTOR, dirigindo-se às mulheres  
do CORO*

PRECEPTOR

Salve, senhoras! Estou certo imaginando  
que este palácio é do famoso rei Egisto?

CORIFEU

Exatamente, forasteiro. É este mesmo.

PRECEPTOR

E porventura sou sagaz conjecturando  
que esta senhora tão altiva é Clitemnestra?  
Há muita majestade no seu porte nobre.

655

CORIFEU

Pensaste bem; é ela mesma, forasteiro.

PRECEPTOR

Salve, rainha! Trago-te notícias boas  
e também para Egisto; manda-me um amigo.

660

CLITEMNESTRA

Acolho-te cordialmente, forasteiro,  
mas gostaria de saber antes de tudo  
o nome de quem te mandou até aqui.

PRECEPTOR

Seu nome é Fanoteu, rei da distante Fócida;  
fui incumbido de cumprir grave missão.

665

CLITEMNESTRA

Qual, estrangeiro? Dize! Vinda de um amigo,  
será sempre agradável a mensagem.

PRECEPTOR

Em síntese, teu filho Orestes está morto.

ELECTRA

Ai! Que terrível dor! Agora estou perdida!

CLITEMNESTRA

Que dizes, forasteiro? Não lhe des ouvidos!

PRECEPTOR

Se perguntas, repito: Orestes está morto.

ELECTRA

Pobre de mim! Nada mais sou! Estou perdida!

CLITEMNESTRA

*Dirigindo-se a ELECTRA*

Cuida de ti somente! Não nos importunes!

*Dirigindo-se ao PRECEPTOR*

Dize-me, forasteiro: como foi a morte?

PRECEPTOR

Fui enviado para isso; direi tudo.  
Orestes foi aos renomados Jogos Píticos<sup>29</sup>,  
glória de toda a Hélade; com voz solene  
o arauto apregou tonitruantemente  
o percurso pedestre — a prova inicial.  
Teu filho apresentou-se lépido e brilhante,

maravilhando todos os espectadores;  
correu e conquistou os louros da vitória.  
Para dizer-te tudo em mínimas palavras,  
jamais vi homem cujos feitos e triunfos  
pudessem comparar-se aos dele nas disputas.

Em todas as competições anunciadas  
(no duplo curso, no pentatlo, nas corridas)  
ele foi o vitorioso incontestável.

O público o considerava felicíssimo,  
ovacionando Orestes, filho de Agamêmnon  
outrora comandante dos soldados gregos.  
As duras provas transcorriam normalmente,  
mas quando os deuses nos enviam infortúnios

nem mesmo os fortes são capazes de evitá-los.  
No dia subsequente, logo após a aurora,  
teu filho retomou com novos adversários  
para a competição dos carros mais velozes;  
um era aqueu, outro espartano; dois da Líbia<sup>30</sup>

apresentaram-se com carros adornados;  
Orestes era o quinto, com seus corcéis téssalos<sup>31</sup>;  
e veio o sexto com dois alazões etólios<sup>32</sup>;  
seguia-se na linha de partida Magnes;  
era eniano o próximo competidor,  
com seus corcéis imaculadamente brancos;

vinha de Atenas celebríssima o penúltimo  
e o derradeiro concorrente era tebano<sup>33</sup>.  
Imóveis nos lugares predeterminados,  
os carros aguardavam prontos o sinal;  
ao toque nítido do estrídulo clarim  
partiram todos incitando seus cavalos.

Na pista cheia elevava-se o estrépito  
dos carros ruidosos em competição;  
nuvens de denso pó subiam pelos ares;  
brandiam agulhões os hábeis condutores,  
tentando cada um ultrapassar os outros;  
em suas costas os corcéis resfolegavam  
e relinchavam espumando nos seus flancos.

Orestes conduzia o leve carro célere  
na faixa interna da pista ensurdecidora,  
quase tocando nas balizas de contorno  
a cada volta pelo extremo do percurso;  
ele soltava as rédeas do corcel de fora,  
enquanto procurava refrear o outro.

685

690

670

695

700

705

710

715

675

680

685

690

670

695

700

705

710

715

720

Desenrolava-se a corrida normalmente  
 mas num instante os dois corcéis desenfreados 725  
 do auriga eniano dispararam incontidos  
 na sexta volta, já bem próximos da sétima,  
 e o carro, ziguezagueando, foi chocar-se  
 contra os cavalos de um dos concorrentes líbios;  
 em conseqüência sucederam-se os desastres; 730  
 os carros se chocavam e desmantelavam-se,  
 despedaçando-se com pavoroso estrépito;  
 era pequeno o hipódromo para conter  
 os montes dos destroços do desastre hípico.  
 O competente condutor ateniense 735  
 pôde esquivar-se a custo, deixando passar  
 aquela sucessão de carros e cavalos.  
 Vinha por último teu filho, refreando  
 seus rápidos corcéis, poupando-os para o fim;  
 mas, ao ver que de tantos apenas restava 740  
 um dos competidores, incitou aos gritos,  
 na ânsia da vitória, os animais indóceis.  
 Os carros disparados iam empatados  
 e ora sobressaía um dos competidores,  
 ora o rival, na confusão vertiginosa. 745  
 Quando na volta extrema o infeliz Orestes  
 chegou mais perto da baliza de contorno  
 que transpusera tantas vezes sem tocar,  
 soltou as rédeas tensas do corcel da esquerda,  
 mas passou próximo demais; uma das rodas 750  
 bateu na aresta da baliza e despregou-se.  
 Orestes foi lançado fora de seu carro,  
 emaranhado nas rédeas de couro forte;  
 os dois cavalos, arrastando o corpo atado  
 desabalaram soltos pela pista afora. 755  
 A multidão gritou ao vê-lo acidentado  
 e lamentou o desenlace tão funesto  
 para teu filho, que vencera tantas provas  
 e estava ali caído e ia pelo chão  
 aos trambolhões; penalizado, um condutor, 760  
 contendo com dificuldade seus dois potros,  
 pôde soltar o corpo, tão ensangüentado  
 e mutilado que nem os amigos íntimos  
 foram capazes de reconhecer o morto.  
 Após o trágico acidente incineraram 765

o corpo de teu filho numa simples pira<sup>34</sup>.  
 Trazemos-te, senhora, em urna brônzea, as cinzas,  
 restos mortais daquele poderoso corpo;  
 aqui terão as merecidas honras fúnebres.  
 Findou a descrição fiel, triste de ouvir 770  
 (se pode haver tristeza apenas em palavras);  
 mas o desastre visto foi muito mais triste.

CORIFEU

Agora extingue-se definitivamente  
 a raça régia dos senhores desta terra!

CLITEMNESTRA

Ah! Zeus! Que vou dizer destas notícias — boas? 775  
 Ou tristes mas convenientes? Dura sorte!...  
 Salvam-me a vida minhas próprias desventuras...

PRECEPTOR

É causa de consternação minha mensagem?

CLITEMNESTRA

Há um poder estranho na maternidade... 780  
 As mães jamais conseguem odiar os filhos,  
 nem quando maltratadas pelos mais perversos...

PRECEPTOR

Então fiz a longa jornada inutilmente?

CLITEMNESTRA

Inutilmente, não; por que inutilmente  
 se trazes a confirmação da morte dele?  
 Sim, dele que nasceu de minha própria alma 785  
 e se afastou de mim, da mãe que o concebeu,  
 e se refugiou em terras estrangeiras!  
 Depois de desterrar-se nunca mais o vi;  
 apenas ocupava-se de incriminar-me



e de acenar-me com seguidas ameaças,  
tantas e tais que nem de noite nem de dia  
pousava em minhas pálpebras o leve sono;  
aniquilavam-me temores incessantes.  
Mas a partir de agora sinto-me liberta  
do medo dele e da perniciosa irmã,  
que suga o próprio sangue de minha existência;  
enfim irei viver em paz, apesar dela!

ELECTRA

*Que desde o início da descrição do PRECEPTOR  
ficara caída no chão, imóvel*

Ai! Infeliz de mim!... O teu destino, irmão,  
foi tão impiedoso e inda serves de alvo  
a torpes recriminações de tua mãe!...  
O que já ia bem passou a ir melhor<sup>35</sup>...

CLITEMNESTRA

Tu, não, mas teu irmão vai bem lá onde está.

ELECTRA

Não ouves a blasfêmia, Nêmesis do morto<sup>36</sup>?

CLITEMNESTRA

Tudo ela ouve e tudo arranja a seu alvitre.

ELECTRA

Insulta! Nessa luta coube-te a vitória!...

CLITEMNESTRA

E dela não me privarás, nem tu, nem ele!

ELECTRA

Nem eu nem ele poderemos silenciar-te...

CLITEMNESTRA

*Dirigindo-se ao PRECEPTOR e apontando para  
ELECTRA*

Se conseguisses refrear a sua língua  
terias boa recompensa, forasteiro.

PRECEPTOR

Cumpri minha missão; regressarei, senhora. 810

CLITEMNESTRA

Ainda não! Se te deixasse ir agora  
a recepção seria indigna de mim mesma  
e de teu amo Fanoteu, que te mandou;  
convido-te cordialmente a entrar; deixemo-la.

*CLITEMNESTRA e o PRECEPTOR dirigem-se ao palácio*

ELECTRA

Parece-vos aflita esta perversa mãe  
e compungida com a morte de seu filho? 815

Pois ela estava rindo! Ai! Infeliz de mim!...  
Orestes muito amado! Matas-me, morrendo!...  
Levaste quando foste as minhas esperanças  
— que viverias e mais tarde voltarias

para vingar-me e a nosso pai. Mas ai de mim!...  
A quem pedir auxílio? Só, sem ti, sem pai...  
Terei de conformar-me com a fatalidade:  
viver submissa aos assassinos de Agamêmnon. 820

Belo porvir!... Mas juro que prefiro a morte  
a ter de conviver ainda com tal gente! 825

Deixar-me-ei ficar assim, fora das portas,  
e só, consumirei a vida sem amigos.  
Matem-me os assassinos se lhes sou hostil!  
Se a vida é insuportável prefiro morrer! 830

CORO

Onde se escondem os raios de Zeus?

Onde se oculta o sol com seu fulgor?  
Os deuses inda se comoverão?

ELECTRA

Ai! Ai de mim!...

CORIFEU

Não te lamentes tanto! Por que choras, filha?

835

ELECTRA

Só tenho lágrimas e me provocas...

CORIFEU

Por quê?

ELECTRA

Falas dos deuses, dando-me esperanças  
quanto aos que já estão em outro mundo...

CORO

O rei Anfiarau — sabemos todas<sup>37</sup> —  
foi vítima da sanha feminina,  
mas hoje, nas profundezas da terra...

840

ELECTRA

Ai! Ai de mim! Como sou infeliz!...

CORO

... reina depois de ter ressuscitado!

ELECTRA

Ai! Ai de mim!

845

CORO

Sim! Ai de ti! Aquela mulher pérfida...

ELECTRA

... foi morta!

CORO

Sim, foi morta!

ELECTRA

Surgiu o vingador de Anfiarau,  
mas para mim nenhum se mostrará;  
rouba-me a morte aquele que viria!...

850

CORO

Revives mágoas incessantemente.

ELECTRA

Sei disso muito bem, amigas minhas;  
é um fluxo constante de tristezas  
terríveis, tenebrosas, incessantes...

855

CORO

Vemos correrem sempre as tuas lágrimas.

ELECTRA

Deixai-me, então, com elas, pois não posso...

CORO

Que dizes?

ELECTRA

... não posso mais viver entre ilusões  
de que virá um dia meu irmão,  
a última semente de meu pai!...

860

CORO

Um dia chega o fim de todos nós...

ELECTRA

Mas terminar assim, morrer assim,  
levado por corcéis desenfreados,  
emaranhado em rédeas retesadas?

865

CORO

Descomunal desastre! Morte horrível!

ELECTRA

Morrer longe de mim, de minhas mãos...

CORO

Desventurado Orestes! Ai de ti!

ELECTRA

... sem meus cuidados, sem as minhas lágrimas...

*Entra CRISÓTEMIS correndo*

CRISÓTEMIS

Grande alegria faz-me vir correndo, irmã<sup>38</sup>,  
e minha pressa tira-me a moderação.  
Sou portadora de agradáveis novidades  
que hão de acabar com tuas muitas amarguras!

870

ELECTRA

Trouxeste algum alívio para minhas mágoas?

CRISÓTEMIS

Orestes já voltou! Eis a pura verdade!

875

ELECTRA

Perdeste o senso? Zombas de nossa desgraça?

CRISÓTEMIS

Não! Pelo tûmulo de nosso pai, não zombo!  
Estou mais que segura da presença dele!

ELECTRA

Pobre de mim!... Quem transmitiu essa notícia  
em que acreditas pressurosa, minha irmã?

880

CRISÓTEMIS

Não creio por ouvir dizer, mas por ter visto.  
As provas são cabais; não posso duvidar.

ELECTRA

Serão de fato convincentes essas provas?  
Deves ter visto coisas realmente sérias;  
estás excitadíssima, ou mesmo insana!

885

CRISÓTEMIS

Irás saber se sou sensata ou sou insana  
quando me permitires relatar os fatos.

ELECTRA

Se gostas de contar histórias, fala, irmã...

CRISÓTEMIS

Então escuta bem. Quando me aproximei  
do tûmulo de nosso pai, vi oferendas,  
vi leite recém-derramado em quantidade,  
caindo sem parar da lápide no chão;  
e vi também ramos de folhas inda frescas.  
Fiquei atônita, mas consegui conter-me  
e olhei atenta para um lado e para o outro,  
tentando descobrir quem estivera lá;  
vendo tudo tranqüilo nas proximidades,  
criei coragem, avancei para mais perto  
e percebi na lápide distintamente

890

895

cabelos louros em anéis inda viçosos. 900  
 Ao contemplá-los uma imagem conhecida  
 configurou-se em minha mente, clara e nítida:  
 previu minha alma naqueles simples vestígios  
 a tão querida presença de meu irmão.  
 Com devoção e com ternura recolhi-os; 905  
 a voz faltou-me e lágrimas irreprimíveis  
 de intenso júbilo correram de meus olhos.  
 Senti então, e ainda sinto neste instante,  
 que eram de Orestes os cabelos encontrados.  
 Não sendo meus nem teus, de mais ninguém seriam. 910  
 Eu não os dei, nem tu (e como poderias,  
 se não permitem que te afastes sem escolta  
 nem mesmo para reverenciar os deuses?);  
 o coração de nossa mãe não é afeito 915  
 a esses atos, nem ela os praticaria  
 longe de nossos olhos, sem ostentação.  
 Só podem ser de Orestes essas oferendas!  
 Sê corajosa, irmã! Os fados que nos seguem  
 de maus podem tornar-se bons e este momento  
 será talvez prenúncio de melhores dias! 920

ELECTRA

Quanta pena tenho de tí desde o princípio!...

CRISÓTEMIS

Por quê? Não te causa alegria o meu relato?

ELECTRA

Não sabes por que sonhos vagas, nem por onde!...

CRISÓTEMIS

Mas devo duvidar do que meus olhos viram?

ELECTRA

Orestes está morto — ai de nós! Com ele 925  
 morreram nossas esperanças infundadas;  
 em teus projetos já não podes incluí-lo.

CRISÓTEMIS

Quanta desgraça!... Tens certeza dessa morte?

ELECTRA

Testemunhou-a quem nos trouxe a má notícia.

CRISÓTEMIS

Não posso crer!... Mas, onde está o mensageiro? 930

ELECTRA

Lá dentro, junto à nossa mãe satisfeitíssima.

CRISÓTEMIS

Pobre de mim!... E quem teria então trazido  
 as oferendas abundantes de que falo?

ELECTRA

Alguém mandado por Orestes moribundo.

CRISÓTEMIS

Ai! Ai de mim! Vim exultante e tão depressa, 935  
 com as novidades que julgava tão alegres  
 e finalmente um novo golpe nos atinge...

ELECTRA

A tua história terminou, mas se me ouvires  
 talvez também acabem nossas amarguras.

CRISÓTEMIS

Será possível dar aos mortos vida nova? 940

ELECTRA

Não quero dizer isto. Julgas-me demente?



CRISÓTEMIS

Em tuas intenções incluis o meu auxílio?

ELECTRA

Sê corajosa, irmã, e apóia-me em meus planos!

CRISÓTEMIS

Conta comigo se for útil minha ajuda.

ELECTRA

Deves saber que nada é feito sem esforço.

945

CRISÓTEMIS

Irei até onde chegarem minhas forças.

ELECTRA

Vais conhecer, então, as minhas intenções<sup>39</sup>.Amigos, hoje sabes que não temos mais;  
a morte exterminou-os; nós estamos sós.Enquanto Orestes era vivo e prosperava,  
tínhamos esperanças de vê-lo voltar  
para vingar a morte do finado pai;  
agora, todavia, após a morte dele,só tu me restas e terás de auxiliar-me  
a exterminar Egisto, algoz de nosso pai;  
entre nós duas já não haverá segredos.

Por quanto tempo ainda ficarás inerte?

Ainda nutres quaisquer outras esperanças?

Hás de chorar quando te vires despojada  
dos bens deixados por teu pai; e chorarás  
quando sentires que jamais terás esposo.Aguardarás inutilmente as tuas núpcias,  
pois Egisto jamais permitirá que nasça  
um filho teu ou meu para depois temê-lo.Se resolveres accitar os meus conselhos,  
demonstrarás amor a Orestes e a teu pai  
e recuperarás a liberdade antiga;

950

955

960

965

condignos pretendentes não te faltarão,

pois todos dão valor às naturezas nobres.

Pensa na fama imorredoura que há de vir

para ti mesma e para mim se me seguires.

Parece até que estou ouvindo desde agora

as expressões de conterrâneos e estrangeiros

elogiando-nos, unânimes, ao ver-nos:

"Olhai, amigos, as irmãs que, sós e frágeis,

salvaram a casa paterna ameaçada!

Seus inimigos, firmes no poder, mandavam,

mas elas, insensíveis a todos os riscos,

mataram-nos, vingando a morte de seu pai!

São ambas dignas de respeito e de homenagens

e onde as notar o povo há de prestar-lhes sempre

o preito de honra compatível com a bravura!"

Freqüentes vezes ouviremos tais palavras

e glória não nos faltará, vivas ou mortas.

Vamos, amiga! Unamo-nos! Tem fé em mim!

Irás lutar por teu irmão e por teu pai

e aliviar teus males e pôr fim aos meus!

Só os covardes podem viver desonrados!

970

975

980

985

CORIFEU

Em horas como a que viveis, a sensatez

é proveitosa a quem escuta e a quem fala.

990

CRISÓTEMIS

*Dirigindo-se ao CORO*

Concordo, amigas; se ela fosse precavida

não falaria com tamanha indiscrição.

*Dirigindo-se a ELECTRA*

Não podes esperar ajuda alguma, irmã,

e ainda ages com destemperada audácia

e incitas-me a seguir-te em teus ousados planos?

Ainda ignoras que és mulher, que não és homem,

e tua força é bem menor que a força deles,

e que a fortuna de teus inimigos cresce

enquanto a nossa cai e se reduz a nada?

995

Quem poderá manter-se vivo por mais tempo  
tramando a queda de tão fortes adversários?  
Se alguém ouviu tuas palavras, novos males  
teremos de sofrer, maiores e piores.  
Em que nos aproveitará morrer agora  
se só depois de mortas nos aplaudirão?  
Pior que a morte é desejar fugir do mundo,  
da vida insuportável, e ter de viver!  
Imploro, irmã, antes que seja exterminada  
a nossa raça inteira; não odeies tanto!  
Serei discreta para que tuas palavras  
não tenham conseqüências tristes; sê prudente,  
embora tarde, obedecendo a teus senhores!

CORIFEU

Escuta! Nada é mais benéfico aos mortais  
do que prever e conduzir-se com prudência.

ELECTRA

Não me causam espanto estas ponderações;  
Já esperava pela tua negativa.  
Pois seja! Assumirei então os riscos todos,  
e só! Minha resolução é inabalável!

CRISÓTEMIS

Por que não demonstraste a mesma decisão  
quando meu pai morreu? Que não terias feito!...

ELECTRA

Não era diferente a minha natureza,  
mas meu espírito não amadurecera.

CRISÓTEMIS

Melhor seria se ele estivesse imaturo...

ELECTRA

Não contarei contigo; poupa tuas forças.

CRISÓTEMIS

Não contes; pode ser funesto o resultado. 1025

ELECTRA

De minha parte não escutarás louvores.

CRISÓTEMIS

Não jures; muito tempo ainda passará...

ELECTRA

Retira-te! Não há boa vontade em ti! 1030

CRISÓTEMIS

Enganas-te. Não dás ouvidos ao bom senso.

ELECTRA

E quando fores, conta tudo à tua mãe!

CRISÓTEMIS

Por quê? Não sinto o mínimo rancor por ti.

ELECTRA

Como não sentes se me queres desonrada?

CRISÓTEMIS

Desonra, não! Somente penso no teu bem. 1035

ELECTRA

Devo fazer apenas o que julgas justo?

CRISÓTEMIS

Quando fores sensata poderás guiar-nos.

ELECTRA

Que lástima falar tão bem e agir tão mal!...

CRISÓTEMIS

Descreves muito bem as tuas próprias faltas.

ELECTRA

Como? Não te pareço falar justamente?

1040

CRISÓTEMIS

Às vezes a justiça opõe-se à conveniência.

ELECTRA

Não desejo viver sujeita a estas leis.

CRISÓTEMIS

Segue teus planos; logo me darás razão.

ELECTRA

Seguir-los-ei; não me farás retroceder.

CRISÓTEMIS

Insistes? Não irás mudar de pensamento?

1045

ELECTRA

Mudar de idéia é um péssimo defeito!

CRISÓTEMIS

Discordas sempre do que digo! Não transiges!

ELECTRA

É inabalável minha deliberação.

CRISÓTEMIS

Então vou retirar-me; não queres ouvir-me  
e quanto a mim jamais aprovarei teus planos.

1050

ELECTRA

Pois vai! Agora nossos rumos são diversos;  
foi vão o meu esforço para convencer-te.

CRISÓTEMIS

Tens na mais alta conta a tua sensatez.  
Conserva-te sensata como te imaginas;  
Dirás nas horas tristes a quem falta o senso.

1055

CORO

Quando vemos os pássaros alígeros<sup>40</sup>  
nutrindo, cuidadosos, por instinto,  
os mais idosos que antes os criaram,  
por que não nos quitamos dessa dívida  
com devoção pelo menos igual?

1060

Não! Pelos raios fúlgidos de Zeus  
e pela etérea Têmis justiciera<sup>41</sup>,  
não ficarão impunes os ingratos!  
Rumor recôndito que vais aos mortos<sup>42</sup>!

1065

Leva nosso piedoso grito ao túmulo  
do Atrida, ilustre vencedor de Tróia<sup>43</sup>,  
mensagem triste em tom desalentado;  
dize-lhe que periga a sua raça  
enquanto entre as herdeiras de seu sangue  
luta renhida põe em risco a paz  
dos dias plácidos! Electra, só,

1070

abandonada, enfrenta a tempestade,  
banhada em lágrimas inesgotáveis  
como se fosse um rouxinol plangente,  
chorando seu infortunado pai!

1075

A própria morte não lhe causa medo;  
ela descuida até de sua vida  
na ânsia de matar as duas Fúrias<sup>44</sup>.Existirá criatura mais nobre?  
Nenhuma alma pura quererá

1080



deixar depois de si um nome vil  
 por preferir uma existência indigna,  
 incompatível com a boa fama.  
 Estás agindo heroicamente, filha,  
 tu, que preferes o pranto sem fim  
 1085 à convivência com a desonra ignóbil.  
 Merecerás louvores redobrados  
 como a mais santa e a melhor das filhas!  
 Conceda o céu que ainda te vejamos  
 no auge do poder e da riqueza,  
 1090 mais forte que teus inimigos pérfidos  
 em vez de ser humilhada por eles!  
 Agora tua vida não é próspera;  
 só não te falta o reconhecimento  
 1095 pela fidelidade incontestável  
 às mais sublimes leis da natureza  
 e pelo culto a Zeus onipotente!

*Entra ORESTES seguido por PÍLADES e dois criados*

ORESTES

*Dirigindo-se ao CORO*

Senhoras, fomos porventura bem guiados<sup>44</sup>  
 e estamos caminhando para nossa meta?

CORIFEU

Quem tu procuras e com que desejos vens? 1100

ORESTES

É meu desejo ir ao palácio ver Egisto.

CORIFEU

Então andaste bem e foi bom o teu guia.

ORESTES

E quem de vós irá dizer aos lá de dentro  
 que já chegou a comitiva anunciada?

CORIFEU

*Apontando para ELECTRA*

Vá esta, então; é a mais próxima parenta. 1105

ORESTES

*Dirigindo-se a ELECTRA*

Pois vai, senhora, e leva-lhe nossa mensagem:  
 somos foces e desejamos ver Egisto<sup>45</sup>.

ELECTRA

Pobre de mim! Vieste confirmar, sem dúvida,  
 rumores já ouvidos há poucos momentos.

ORESTES

Nada sabemos de rumores; rei Estrófilo<sup>46</sup>  
 mandou-nos vir com novidades sobre Orestes. 1110

ELECTRA

E quais são elas, forasteiro? Tenho medo...

ORESTES

*Apontando para uma urna que os criados trazem*

Trazemos nesta urna de pequeno porte  
 os restos diminutos... Como vês, morreu...

ELECTRA

Que horror! Tenho diante de meus próprios olhos,  
 em vossas mãos, a prova de minha desgraça!... 1115

ORESTES

Se te comove a sina do coitado Orestes,  
 encontrarás os restos dele nesta urna.



## ELECTRA

Estando aí os restos, deixa-me, senhor<sup>17</sup>,  
tomá-la em minhas mãos, chorar e lamentar 1120  
não só as cinzas dele mas a mim também  
e a uma raça toda agora agonizante!

## ORESTES

*Dirigindo-se aos criados*

Trazei-a, servos, e entregai-a a esta dama;  
não sei quem é, porém se tanto se condói 1125  
ou foi amiga ou é parenta do finado.

*Os criados entregam a urna a ELECTRA*

## ELECTRA

Ah! Última recordação do muito amado<sup>48</sup>,  
reliquia lastimável da vida de Orestes!  
Quão diferente das sentidas esperanças  
com que te vi partir regressas nesta urna!  
Que recebo nas mãos neste momento? Nada! 1130  
E quando foste, irmão, estavas tão formoso...  
Ah! Quem me dera ter morrido antes de ver-te  
seguir para remotas regiões!... Livrei-te  
com estas minhas mãos e te salvei da morte,  
mas, para quê? Naquele dia morrerias 1135  
e jazerias no sepulcro de teu pai.  
Quis o destino que, longe do lar, da pátria,  
longe de mim, morresses desgraçadamente!...  
E minhas mãos não compuseram teu cadáver,  
nem recolheram, piedosas, tuas cinzas; 1140  
Trazido por estranhas mãos, vens reduzido  
a uns restos mortais de cinza e nada mais!  
Ah! Infeliz de mim por meus cuidados vãos,  
motivos de freqüentes e doces fadigas!  
Jamais a tua mãe te amou como te amei, 1145  
e com desvelo igual ninguém cuidou de ti;  
(chamaste-me de irmã querida tantas vezes!...).  
Levaste quando foste as nossas esperanças;  
meu pai morreu; morreste, irmão! Morro contigo!

Mas nossos inimigos estão rindo! A mãe 1150  
que nada tem de mãe quase perdeu o senso,  
tão satisfeita está com tua morte, Orestes!  
E pretendias castigá-la em teu regresso!...  
Mas este trágico destino teu e meu  
destruiu tudo e chegam-me de volta agora 1155  
apenas estas cinzas e desilusões  
em vez de tua esperadíssima presença!...

*ELECTRA começa a chorar*

Ai! Infeliz de mim! Tristes despojos<sup>48a</sup>!  
Ai! Ai de mim! Quanta infelicidade!  
Dura separação, fatal viagem 1160  
a que te expus para meu desespero!  
Apenas desespero, irmão querido!  
Leva-me, Orestes, desta vida horrível,  
a mim, que nada sou, para teu nada,  
onde eu possa afinal ficar contigo 1165  
por toda a eternidade! Enquanto vivos,  
nosso destino sempre foi igual;  
compartilhemos hoje o mesmo túmulo,  
pois só depois da morte as mágoas cessam!

*ELECTRA chora convulsivamente*

## CORIFEU

Teu nobre pai, Electra, era mortal; ou não? 1170  
Orestes também era; por que choras tanto  
se todos vamos ter um dia o mesmo fim?

## ORESTES

Não posso dominar-me!... Tenho de falar<sup>49</sup>!  
Já não consigo impor silêncio à minha boca!

## ELECTRA

*Mais calma*

Que falas? Algo te perturba, forasteiro? 1175

ORESTES

Ah! Dize-me, senhora: teu nome é Electra?

ELECTRA

Este é o nome da muito infeliz que sou...

ORESTES

Lamento imensamente tanta desventura!...

ELECTRA

Será mesmo de mim que te condóis, senhor?

ORESTES

Devem ser grandes tuas penas. Sinto muito<sup>50</sup>...

1180

ELECTRA

Tuas palavras cabem-me como a ninguém.

ORESTES

Destino amargo!... Sem esposo... Desditosa...

ELECTRA

Por que te mostras comovido, forasteiro?

ORESTES

Não tinha consciência de meus próprios males...

ELECTRA

E como percebeste isso neste instante?

1185

ORESTES

Vendo teus sofrimentos, tantos e tão grandes.

ELECTRA

Pois vês pequena parte de minhas desgraças.

ORESTES

Existirão ainda outras, e piores?

ELECTRA

Existem; forçam-me a viver com os assassinos.

ORESTES

De que assassinos falas? Quem eles mataram?

1190

ELECTRA

Meu pai. E mais ainda: sou escrava deles!

ORESTES

Quem te sujeita a tão cruel constrangimento?

ELECTRA

Dão-lhe o nome de mãe, mas das mães nada tem.

ORESTES

Como procede? É rude? Priva-te de quê?

ELECTRA

É rude, priva-me de tudo e atormenta-me.

1195

ORESTES

Não há quem possa socorrer-te e moderá-la?

ELECTRA

Aqui estão as cinzas de quem poderia.

ORESTES

Ah! Infeliz! É tão penoso ver-te assim!...

ELECTRA

Pois ouve: apenas tu tens compaixão de mim.

ORESTES

Porque somente a mim me tocam tuas mágoas.

1200

ELECTRA

Serás alguém de nossa raça, porventura?

ORESTES

*Apontando para as mulheres do CORO*

ORESTES

Responderia, se todas fossem amigas<sup>51</sup>.

ELECTRA

Mas são amigas, sim, e todas devotadas!

ORESTES

Responderei, então, mas põe de lado a urna.

ELECTRA

*Apertando a urna contra o peito*

Não! Pelos deuses, forasteiro! Isto não!

1205

ORESTES

Confia em mim e tudo ficará melhor!

ELECTRA

Suplico-te! Não me tires o que mais quero!...

ORESTES

Não deves insistir em tê-la junto a ti.

ELECTRA

*Dirigindo-se à urna*

Serei ainda mais desventurada, Orestes,  
se não me permitirem sepultar-te as cinzas!

1210

ORESTES

Evita maus agouros e não chores mais!

ELECTRA

Devo cessar de lamentar meu irmão morto?

ORESTES

Não uses tais palavras a respeito dele!

ELECTRA

Julgas-me então indigna de falar do morto?

ORESTES

Indigna de ninguém!

*Apontando para a urna*

Mas isto não é nada<sup>52</sup>.

1215

ELECTRA

É muito, se contém as cinzas de um irmão!

ORESTES

Mas não contém; tudo foi pura encenação.

*ORESTES tira gentilmente a urna das mãos de ELECTRA*

ELECTRA

Então onde é a tumba do infeliz Orestes?

ORESTES

Em parte alguma; os vivos não têm sepultura.

ELECTRA

Que me dizes, menino<sup>53</sup>?

ORESTES

Digo-te a verdade.

1220

ELECTRA

Então ele inda vive?

ORESTES

Não pareço vivo?

ELECTRA

És ele?

ORESTES

Sou. Observa bem este sinete<sup>54</sup>,  
outrora dê meu pai, e dize se não sou!

ELECTRA

Bendito dia!

ORESTES

Mais ainda para mim!

ELECTRA

É esta a tua voz?

ORESTES

Só esta escutarás!

1225

ELECTRA

*Abraçando ORESTES*

Tenho-te então nos braços?

ORESTES

Terás para sempre!

ELECTRA

*Dirigindo-se ao CORO*Amigas minhas! Eis Orestes! Contemplai-o!  
Fingindo-se de morto, ei-lo afinal de volta,  
vivo e saudável, graças a seu fingimento!

CORIFEU

Estamos vendo, filha, e por esta ventura  
choramos incontidas lágrimas de júbilo!

1230

ELECTRA

Filho de um pai extremamente amado<sup>55</sup>,  
chegaste aqui de volta finalmente!  
Vieste, achaste e viste quem querias!

ORESTES

Este era o meu desejo, mas guarda silêncio!

1235

ELECTRA

Por quê?

ORESTES

Calemos ambos; alguém pode ouvir-nos.

ELECTRA

Não! Pela deusa virgem! Não! Por Ártemis!



Não há motivos para recearmos  
mulheres indolentes confinadas  
lá no palácio, simples peso inútil!

1240

ORESTES

Não deves esquecer, porém, de que há mulheres  
de espírito viril, e tu és uma delas.

ELECTRA

Ouvindo-te falar vem-me à memória  
a imensidade de meu infortúnio  
indisfarçável e nunca esquecido...

1245

ORESTES

São óbvios teus motivos; no momento próprio  
serão rememorados esses fatos tristes.

ELECTRA

Mas todos os momentos — todos, sim! —  
seriam próprios para meus queixumes.  
Quase não tive até o teu retorno  
meus lábios livres para os expressar.

1250

ORESTES

Concordo, mas resguarda tua liberdade.

ELECTRA

Dize-me, então, o que devo fazer.

ORESTES

Não fales muito, pois seria inoportuno.

ELECTRA

Como trocar a voz pelo silêncio  
se regressaste enfim a teu palácio?

1255

Como calar, agora que te vejo,  
quando já nem pensava, nem sonhava?

ORESTES

Pois já me tens; só hoje os deuses permitiram.

ELECTRA

Ouvindo-te dizer que retornaste  
mandado pelos deuses, rejubilo-me;  
estás de volta por favor divino.

1260

ORESTES

Custa-me cercear o teu contentamento,  
mas estas efusões podem causar desgosto.

ELECTRA

Tardaste muito a devolver-me a paz  
com teu regresso à nossa terra; agora...

1265

ORESTES

Que fiz?

ELECTRA

Não me roubes este consolo  
tão doce! Não me obrigues a deixar-te!

ORESTES

Mas nem forçado eu te abandonaria, Electra!

ELECTRA

Atendes-me?

ORESTES

E por que não te atenderia?

1270

ELECTRA

*Dirigindo-se ao CORO*

Ouvi, amigas minhas, uma voz  
que julgava calada para sempre;  
como manter contidas, nesta hora,  
as emoções, sem gritos de alegria?

*Dirigindo-se a ORESTES*

Sofri demais, mas hoje estás comigo! 1275  
Desfruto a claridade, meu irmão,  
dessa tua presença tão querida  
que sempre aparecia à minha mente,  
mesmo no auge de meu desespero.

ORESTES

Evita todas as palavras dispensáveis; 1280  
não fales dos crimes cruéis de nossa mãe;  
omite as prodigalidades de seu cúmplice,  
Egisto, dilapidador de nossos bens;  
a descrição consumiria muito tempo.  
Fala, antes, de coisas que nos favoreçam 1285  
na pronta realização de nossos planos:  
onde nos mostraremos ou esconderemos?  
Qual a maneira mais segura de pôr fim  
à torpe usurpação de nossos inimigos?  
Cuidado! Se não conseguires dominar-te, 1290  
quando chegarmos ao palácio com a urna  
nosso segredo se exporá à tua mãe  
em teu semblante alegre; ensaia algum lamento  
pelo falso desastre que lhe relataram;  
teremos tempo, após a próxima vitória, 1295  
para manifestar o nosso regozijo.

ELECTRA

Tudo se passará como mandaste, irmão<sup>56</sup>;  
o meu contentamento é teu, não me pertence;  
nem o maior dos bens seria desejável  
à custa do menor transtorno para ti; 1300

não fosse assim, eu estaria sendo ingrata  
aos deuses poderosos, nossos protetores.  
Já sabes como vão as coisas por aqui?  
Egisto se ausentou, mas volta ainda hoje, 1305  
e nossa mãe está lá dentro, mas não temas  
que em hora alguma eu lhe apareça sorridente;  
meu ódio antigo permanece inalterado.  
Apresentar-me-ei com lágrimas nos olhos  
porque também se chora de alegria, Orestes.  
Parece-te excessivo o meu contentamento? 1310  
Não devo estar alegre se num mesmo dia  
primeiro regressaste morto e depois vivo?  
Tanta perplexidade tudo isto causa  
que se eu visse voltar meu pai, ressuscitado,  
não descreria nem assim de meus sentidos; 1315  
a tua vinda não foi menos milagrosa.  
Dispõe de mim; ordena e obedecerei<sup>57</sup>.  
Ainda que faltasses eu já decidira:  
matá-los-ia, mesmo só, ou morreria!

ORESTES

Silêncio, irmã! Alguém saiu lá do palácio! 1320

*Aparece o PRECEPTOR, vindo do palácio*

ELECTRA

*Dirigindo-se a ORESTES e PIIADES*

Vinde, estrangeiros, pois nesta missão bendita  
ninguém irá dificultar os nossos passos,  
nem mesmo os que tiverem de sofrer com isso.

PRECEPTOR

*Dirigindo-se a ELECTRA e a ORESTES*

Crianças insensatas! Não prezais a vida?  
Ou a temeridade não vos deixa ver 1325  
que vos achais já não direi apenas próximos  
mas dentro da voragem de mortais perigos?  
Não fossem meus cuidados os vossos projetos

decerto anteceder-vos-iam no palácio!  
Mas felizmente fui capaz de proteger-vos. 1330  
Agora terminai essas falas sem fim,  
os repetidos gritos de contentamento,  
e entrai; não deve haver delongas nestas horas;  
é tempo de levar a termo nossos planos.

ORESTES

Será propícia para mim a ocasião? 1335

PRECEPTOR

Ninguém te reconhecerá; não há perigo.

ORESTES

Anunciaste a minha morte no palácio?

PRECEPTOR

És simples sombra para a gente lá de dentro.

ORESTES

Foi grande a alegria deles? Que disseram?

PRECEPTOR

Direi no fim; agora tudo marcha bem 1340  
lá dentro para nós, até o que vai mal.

ELECTRA

Podes dizer quem é este ancião, Orestes?

ORESTES

Não adivinhas?

ELECTRA

Não consigo descobrir...

ORESTES

Não lembras mais das mãos em que me depuseste?

ELECTRA

Que mãos? Que dizes?

ORESTES

As que outrora me levaram, 1345  
graças a ti, até os campos lá da Fócida.

ELECTRA

Será aquele mesmo que no dia horrível  
da morte de meu pai foi meu único amigo?

ORESTES

Exatamente, mas não faças mais perguntas.

ELECTRA

Quanta ventura junta! Eis também de volta 1350  
o homem que evitou o fim de nossa raça!

És realmente o salvador de meu irmão  
e meu também? Abençoadas mãos as tuas!  
Mas, como conseguiste, servo fidelíssimo,  
permanecer por tantas horas junto a mim 1355  
sem revelar quem eras nem dar um sinal

da luz que chega enfim ao meu destino negro,  
e até amargurando-me com tuas fábulas  
enquanto me ocultavas a melhor verdade?

Salve, meu pai, pois foste para mim um pai! 1360  
Bem-vindo sejas, mas no transcurso de um dia<sup>58</sup>  
senti por ti rancor tão grande e tanto amor  
quanto jamais sentira por nenhum mortal!

PRECEPTOR

Compreendo-te, mas pára; as coisas do passado

são tantas que dias seguidos, muitas noites  
consumirei para poder contá-las todas. 1365

*Dirigindo-se a ORESTES e a PÍLADES*

Eis meu conselho quanto a vós: vamos agir!  
Neste momento Clitemnestra está sozinha;  
estão ausentes do palácio os homens todos  
mas se vos demorardes tereis pela frente 1370  
não um casal apenas, porém inimigos  
em muito maior número e mais destemidos.

ORESTES

Amigo Pílares, ouvimos o bastante;  
entremos já! É hora da resolução!  
Peçamos proteção aos deuses da família,  
constantes defensores destas portas amplas. 1375

*Entram ORESTES e PÍLADES pela porta central do  
palácio, levando a urna, seguidos pelo PRECEPTOR.  
ELECTRA continua fora*

ELECTRA

Protege-os, Apolo! Ajuda-me também!  
Ah! Quantas vezes vim depor em teu altar  
piedosas oferendas, quase sempre humildes,  
pois outras não podiam minhas mãos devotas! 1380  
Com todas as preces que sei, divino Apolo,  
venho pedir-te, suplicar, rogar ansiosa:  
sê-nos propício, apóia nossas intenções  
e mostra aos ímpios o castigo merecido  
que o céu inexoravelmente lhes envia! 1385

*ELECTRA dirige-se também ao palácio*

CORO

Avança agora a morte inexorável  
querendo sangue! Acabam de transpor  
as portas do palácio as negras Fúrias,  
perseguidoras lentas mas fatais

da culpa tenebrosa! Em pouco tempo  
tornar-se-á enfim realidade 1390  
a nítida visão de nosso espírito.  
O nuncio das soturnas divindades<sup>59</sup>  
insinuou-se na morada muito antiga  
de seus antepassados nobilíssimos, 1395  
tendo a morte cortante em suas mãos.  
Hermes, o filho ardiloso de Maia<sup>60</sup>,  
dissimula nas sombras a cilada  
e mostra o rumo; o fim já se aproxima!

*Reaparece ELECTRA, vinda do palácio*

ELECTRA

Silêncio, amigas! Tudo se consumará  
dentro de pouco tempo; fiquemos atentas. 1400

CORIFEU

Que acontecerá?

ELECTRA

Ela cuida da urna  
e das exéquias; eles estão a seu lado.

CORIFEU

Por que saíste?

ELECTRA

Espero o retorno de Egisto;  
não queremos que volte sem ser pressentido. 1405

CLITEMNESTRA

*Gritando de dentro do palácio*

Ai! Ai de mim!  
Vejo-me só e a casa cheia de assassinos!



ELECTRA

Alguém está gritando! Vós também ouvistes?

CORIFEU

Ouvimos... Temos medo... Ah! Se não ouvíssemos!...

CLITEMNESTRA

Estou perdida! Ai! Egisto! Onde estás? 1410

ELECTRA

Gritam de novo, amigas minhas! Ouço os gritos!

CLITEMNESTRA

Matas quem te deu vida, Orestes? Ai! Meu filho!

ELECTRA

Tu não tiveste piedade ou compaixão  
nem dele, nem de nosso pai que assassinaste!

CORO

Ah! Reino e raça malfadados! Ai!  
Consuma-se neste momento exato  
o fado que sempre nos perseguiu! 1415

CLITEMNESTRA

Estou ferida!...

ELECTRA

Fere mais, Orestes! Fere!

CLITEMNESTRA

Ai! É a morte!...

ELECTRA

Assim pereça o teu Egisto!

CORO

As maldições ainda estão agindo!  
Os enterrados vivem! Corre o sangue  
pelo sangue que já se derramou,  
sugado dos verdugos pelas vítimas! 1420

CORIFEU

Eles já voltam. As mãos sangrentas gotejam  
do sacrifício feito; não vou censurá-los. 1425

ELECTRA

Orestes! Como foste?

ORESTES

Tudo marcha bem  
se estão corretas as divinas profecias.

ELECTRA

A culpada morreu?

ORESTES

Não a receies mais;  
já não te humilhará como antes Clitemnestra.

CORIFEU

Silêncio! Egisto se aproxima! Está chegando! 1430

ELECTRA

*Dirigindo-se a ORESTES e a PÍLADES*

Escondei-vos os dois!

ORESTES

Mas. onde vês Egisto?

ELECTRA

Ali, muito contente e quase em nossas mãos!

CORIFEU

*Dirigindo-se a ORESTES e a PÍLADES*Voltai depressa e ocultai-vos no vestibulo!  
Sede felizes como até agora fostes!

ORESTES

Seremos; confiai!

ELECTRA

Então andai depressa!

1435

ORESTES

Estamos indo!

ELECTRA

Cuidarei de tudo aqui.

*ORESTES e PÍLADES tornam a entrar no palácio*

CORO

Será prudente recebê-lo agora  
saudando-o com falsa gentileza;  
desprevenido, ele perecerá  
na trama da justiça pertinaz.

1440

*Entra EGISTO*

EGISTO

Onde estarão os estrangeiros recém-vindos

para dizer-nos que afinal morreu Orestes,  
segundo afirmam, num desastre com seu carro?*Dirigindo-se a ELECTRA*Tu mesma, com o teu orgulho e arrogância  
(suponho que a notícia te atingiu de perto...),  
indica: onde? Certamente sabes! Onde?

1445

ELECTRA

Eu sei... Não poderia deixar de saber,  
pois preocupa-me o destino dos parentes...

EGISTO

Dize: que direção tomaram? Fala logo!

ELECTRA

Eles entraram no palácio há pouco tempo;  
suponho que atingiram a fidalga dona<sup>61</sup>...

1450

EGISTO

E confirmaram realmente a morte dele?

ELECTRA

Mais do que isto; trazem as provas da morte.

EGISTO

E poderei ver o cadáver? Onde está?

ELECTRA

Sim, podes. Não é dos melhores espetáculos...

1455

EGISTO

Dás-me notícias agradáveis sem querer.

ELECTRA

Se tens motivos, solta as rédeas de teu júbilo!...

EGISTO

Abre de par em par, mas em silêncio, Electra,  
as portas do palácio! Quero que os micênios  
e todos os argivos vejam o cadáver<sup>62</sup>;  
se alguém ainda insiste em esperar a volta  
de teu irmão, em face de tal evidência  
há de curvar-se e aceitar o meu domínio,  
antes de ser dobrado por castigo duro. 1460

ELECTRA

Por mim, adoto a decisão mais ponderada<sup>63</sup>:  
vou ser prudente; seguirei o vencedor. 1465

*ELECTRA abre a porta principal do palácio. ORESTES  
e PÍLADES vêm saindo. Empurram uma essa provida  
de rodas, sobre a qual está um cadáver coberto por  
um lençol, levando-a até onde está EGISTO*

EGISTO

Bom Zeus! Meus olhos vêem uma cena agora  
capaz de provocar inveja até nos deuses!  
(Se houver blasfêmia em minhas expressões, renego-as!).

*Dirigindo-se a ORESTES e a PÍLADES*

Tirai depressa o véu que lhe recobre o rosto!  
quero prestar-lhe o meu tributo de lamentos,  
pois afinal de contas sou parente dele... 1470

ORESTES

Retira tu o véu; repara no cadáver  
e dize-lhe palavras ternas, se quiseres.

EGISTO

É bom conselho; aceito-o.

*Dirigindo-se a ELECTRA*

Antes vai lá dentro  
e chama Clitemnestra, se puderes vê-la. 1475

ORESTES

Por que chamá-la se ela está perto de ti?

*EGISTO descobre o cadáver num gesto brusco*

EGISTO

Não! Que vejo?

ORESTES

Tens medo? Estranhas este rosto?

EGISTO

Traição! No meio de que gente, em que cilada  
eu vim cair?

ORESTES

Inda não percebeste, Egisto,  
que os mortos — assim te expressavas — estão vivos<sup>64</sup>? 1480

EGISTO

É muito tarde... Decifrei o enigma... E tu,  
não podes ser senão Orestes são e salvo...

ORESTES

A percepção tardou; não és um bom profeta.

EGISTO

Estou perdido! Derrotado!... Ainda posso  
dizer uma simples palavra? 1485

ELECTRA

Pelos deuses!

Não lhe permitas, meu irmão, dizer mais nada,  
nem defender-se! Se um mortal é envolvido  
na trama do destino, que proveito há  
em prolongar a vida por mais uns momentos? 1490  
Deves matá-lo já! Atira seu cadáver  
distante de meus olhos, bem longe, aos abutres,  
coveiros dos malvados desta qualidade!  
Assim há de pagar os males que me fez!

ORESTES

*Dirigindo-se a EGISTO*

Anda, e depressa! Para que falar? É inútil!  
Não queremos palavras, mas a tua vida! 1495

EGISTO

Por que me levas ao palácio? Se há justiça  
em tua ação, por que procuras esconder-te?  
Não quer a tua mão ainda golpear-me?

ORESTES

Não mandes! Mostra em que lugar meu pai foi morto!  
Onde o mataram, lá tu morrerás! Caminha! 1500

EGISTO

Quer o destino que o palácio dos Atridas  
assista a todas as inúmeras desgraças  
presentes e futuras da raça de Pêlops!

ORESTES

Às tuas, pelo menos; não sou mau profeta. 1505

EGISTO

Teu pai não teve o dom de que te vanglorias!

ORESTES

Falas demais e te retardas! Vamos! Marcha!

EGISTO

Segue na frente!

ORESTES

Segue tu! Irás na frente!

EGISTO

Receias minha fuga?

ORESTES

Não escolherás  
a forma de morrer e não te faltará  
tortura alguma na hora de tua morte! 1510  
Queiram os céus que a firme espada vingadora  
golpeie fatalmente todos os perversos!  
Assim será menor a malvadez no mundo!

CORO

Bravos filhos de Agamêmnon! 1515  
Quantos males suportastes  
por amor à liberdade!  
Ei-la enfim recuperada  
graças à vossa bravura!

FIM



## NOTAS à ELECTRA

1. *Argos*: região do sudeste da Grécia, onde reinara Agamêmnon; sua cidade principal era Micenas, em cuja acrópole ficava o palácio real.
  2. *Infeliz filha de Ínaco*: Ínaco, um rio divinizado, primeiro rei lendário de Argos; Io, sua filha, foi a primeira sacerdotisa do templo de Hera; Zeus, para livrá-la dos ciúmes de sua augusta esposa, transformou-a em novilha, mas a metamorfose não livrou a infeliz sacerdotisa das perseguições da rancorosa Hera. Veja-se a nota seguinte.
  3. *Apolo*, e dois versos adiante *Hera*: divindades importantes da mitologia grega; Apolo era o patrono e inspirador dos principais oráculos da Grécia e, respondendo a uma pergunta de Orestes, como se verá depois, aconselhou-o a vingar a morte de Agamêmnon. *Matador de lobos* traduz o epíteto apolíneo *Lykeios* (quando os epítetos ocorrem desacompanhados do nome dos deuses, conservo a forma original, que será explicada em nota).
  4. *Pelópidas*: descendentes de Pélops, rei lendário de Argos, avô de Agamêmnon, e fundador da dinastia dos Atridas.
  5. *Píladas*: filho de Estrófilo (rei da Fócida — região do norte da Grécia — e amigo de Agamêmnon; a seu palácio o preceptor conduziu Orestes, por incumbência de Electra, no dia do crime); Píladas representa na mitologia grega o protótipo do amigo fiel.
  6. *Santuário pítico*: um dos oráculos onde vaticinavam as sacerdotisas de Apolo (pitonisas), situado em Delfos, na Fócida.
  7. *Fébo*: epíteto de Apolo (literalmente: luminoso).
  8. *Fanoteu*: tio e inimigo de Estrófilo, o rei da Fócida; Orestes, atribuindo a Fanoteu — amigo de Egisto — a iniciativa de mandar notícias de sua suposta morte e suas cinzas, procura tornar esses incidentes mais plausíveis.
  9. *Jogos pítics*: competições atléticas disputadas junto ao templo e oráculo de Apolo em Delfos, na Fócida; mais adiante, na descrição da imaginária corrida de carros, a referência é a esses jogos.
  10. *Loxias*: outro epíteto de Apolo (literalmente: oblíquo), alusivo à obscuridade de seus vaticínios.
  11. Esta é a primeira parte lírica, em que Electra contracena com as mulheres do coro. Nas representações modernas de dramas gregos, estas partes costumam ser declamadas (as do coro em uníssono).
  12. *Ares*: deus da guerra; por extensão, personifica todos os feitos sanguinolentos.
  13. *Perséfone e Hades*: divindades infernais. Nos versos seguintes: *Hermes do Inferno*: Hermes, filho de Zeus e de Maia, entre outras atribuições tinha a de conduzir as almas dos mortos ao Hades (além de significar o próprio deus, Hades também designava seus domínios, destino dos mortos). *Augustas Fúrias*: as Fúrias personificavam o remorso.
  14. *Aflito pássaro, tão caro a Zeus*: o rouxinol. Segundo a lenda, o rouxinol chorava sempre os filhos que sem querer matara quando tinha a forma humana, que perdeu em consequência desse incidente fabuloso. Mensageiro de Zeus porque anuncia a primavera.
  15. *Niobe*: filha lendária de Tântalo; orgulhosa porque tinha 14 filhos, considerava-se superior a Leto (uma das esposas de Zeus, que só tivera dois filhos: Apolo e Ártemis); essa insolência provocou a ira de Leto, que mandou Apolo matar os sete filhos de Niobe, e Ártemis as sete filhas, uma das quais — Clóris — conseguiu salvar-se; transtornada pela desgraça, Niobe transformou-se em rochedo; desse rochedo brotara uma fonte, testemunho de seu pranto perene.
  16. Das duas irmãs vivas de Electra, Crisótemis aparecerá em alguns episódios subsequentes; de Ifiânassa não se falará mais.
  17. *Campinas bucólicas de Crisa*: Crisa era um lugarejo da Fócida, onde ficara Orestes.
  18. *Deus... do Aqueronte*: Hades; o Aqueronte era um rio lendário que atravessava as regiões infernais.
  19. Agamêmnon fora morto durante uma festa, que Clitemnestra preparara para comemorar o regresso do esposo.
  20. No original este verso é composto por quatro palavras, todas começando pela letra "p".
  21. *Alguns de teus cabelos*: era hábito na Grécia heróica dedicar os cabelos aos parentes mortos.
  22. *Bodas ímpias*: alusão ao adultério de Clitemnestra e Egisto.
  23. Pélops, avô de Agamêmnon e fundador da dinastia dos Atridas (v. a nota 4). Enomau, rei de Pisa, na Élis (Grécia Ocidental), prometera a mão de sua filha Hipodâmia ao pretendente que o derrotasse numa corrida de carros; o jovem Pélops, filho de Tântalo, apresentou-se para competir, e subornou o condutor do carro de Enomau, Mítilo, que traiu o seu senhor, afrouxando os pinos que prendiam as rodas ao eixo do carro; essa traição permitiu a Pélops conquistar a vitória e Hipodâmia. Mas Mítilo não sobreviveu por muito tempo à sua deslealdade; um dia insultou Hipodâmia e foi lançado ao mar por Pélops enraivecido; ao desaparecer nas águas Mítilo amaldiçoou a casa de Pélops, e a esse fato, ao qual ainda haverá alusões no decurso da tragédia, atribuíam-se as desgraças dos Atridas (filhos e demais descendentes de Atreu, que por sua vez era filho de Pélops e pai de Agamêmnon e de Tiestes; Egisto, o sedutor e cúmplice de Clitemnestra, era filho de Tiestes, e portanto primo de Agamêmnon).
  24. *A filha inocente*: Ifigênia, irmã de Electra, sacrificada por Agamêmnon antes de sua partida para Tróia, a fim de tornar os ventos propícios à expedição; Electra explicará depois o sacrifício.
  25. *Menelau*: irmão de Agamêmnon e participante da expedição a Tróia; foi de certo modo o causador da famosa guerra, pois a expedição teve como pretexto a vingança do ultraje de Páris, que, após hospedar-se no palácio de Menelau, lhe raptara a esposa — Helena —, fugindo com ela para Tróia, onde reinava Príamo, pai do raptor.
  26. *Ártemis*: irmã de Apolo, deusa solitária e casta, que vivia nos bosques, dedicada à caça.
  27. *Aulis*: porto da costa ocidental da Grécia, onde se reunira e ficara retida pela calmaria, antes do sacrifício de Ifigênia, a armada grega que ia conduzir a Tróia a expedição comandada por Agamêmnon.
- A propósito desse longo "discurso" de Electra, note-se que ele é característico do espírito racionalista dos gregos da época de Sófocles, já influenciada pelos sofistas; primeiro, Electra dá a Clitemnestra uma explicação apoiada nas tradições religiosas, mas logo depois, como se ela mesma

- não estivesse convencida, passa a raciocinar dentro de rigorosa lógica; essas justificações eram muito agradáveis aos atenienses, hábeis querelantes.
28. *Elu*: Electra.
29. *Jogos píticos*: veja-se a nota 9; o preceptor segue as instruções de Orestes na primeira cena. A longa descrição da imaginária corrida de carros em que ocorre a suposta morte de Orestes, tem sido interpretada diversamente pelos comentadores de Sófocles; muitos consideram-na supérflua, mas, em última análise, é perfeitamente cabível, e Sófocles traça aqui a psicologia da mentira; os mentirosos são amigos dos mínimos detalhes, que dariam maior credibilidade às suas invenções; para Clitemnestra, essa riqueza de minúcias tornou mais plausível a mentira.
30. *Aqueu*: da Acaia, região da Grécia situada no litoral do golfo de Corinto. *Espartano*: de Esparta, região da Grécia em que reinava Menelau. *Da Líbia*: Líbia era a denominação genérica do norte da África na antiguidade. No verso 729: *...um dos concorrentes líbios*: literalmente: do auriga barqueu (de Barca, na Líbia).
31. *Corcéis tessalios*: eram famosos na antiguidade os cavalos da Tessália, região do norte da Grécia onde se elevava o monte Olimpo.
32. Da Etólia, região do nordeste da Grécia. *Magnes*: habitante do litoral ocidental da Tessália (Magnésia). Os *enianos* habitavam o sul da Tessália.
33. *Tebano*: literalmente *beócio*, habitante da Beócia, na Grécia central; lá ficava Tebas, a famosa cidade onde reinou Édipo.
34. *Incineraram ... numa pira*: na Grécia heróica os cadáveres eram geralmente incinerados; a inumação simples era excepcional.
35. É evidente a ironia amarga das palavras de Electra, que antes já dissera a Crisôtémis: "É grande maravilha minha vida agora..." (verso 388).
36. *Nêmesis*: uma das divindades infernais, vingadora do ultraje, da arrogância e da impiedade; quase no fim da peça, quando lhe dizem que poderá ver o cadáver de Orestes, Egisto, depois de estimar a sua sorte como capaz de causar inveja aos próprios deuses, dirá, pensando em Nêmesis: "Se houver blasfêmia em minhas expressões, renego-as!" (verso 1469).
37. *Anfiarau*: rei lendário, dotado de espírito profético; desposou Erifile, irmã de Adrasto, antigo rei de Argos. Por ocasião da guerra contra Tebas Anfiarau ocultou-se, para fugir à expedição, pois sabia que haveria de morrer diante das portas daquela cidade; sua esposa o denunciou, e ganhou por isso um colar de ouro e diamantes; descoberto, Anfiarau teve de ir à guerra, em que morreu, mas deixou um filho — Alcmeon (v., na introdução, o fragmento do poeta cômico Antífanos, alusivo a alguns desses incidentes míticos), incumbido de vingá-lo tão pronto soubesse de sua morte; logo que recebeu a notícia, Alcmeon desincumbiu-se de sua missão.
38. Sófocles usa magnificamente a certeza do espectador de que Orestes está vivo e de volta; a impressão de Electra de que ele está morto; e as dúvidas de Crisôtémis, para compor uma situação de grande efeito dramático.
39. Aqui, novamente, Electra se comporta como um orador ateniense do tempo de Sófocles, defendendo sua causa com todos os argumentos cabíveis: já vimos antes que esses debates eram muito do gosto dos atenienses da época, influenciados pelos sofistas; mas Crisôtémis, em suas respostas, mostra-se argumentadora tão hábil quanto Electra.
40. Essas reflexões do coro são sugeridas pelo contraste da atitude das duas irmãs: por que Crisôtémis não segue os mandamentos da piedade filial, que os próprios pássaros praticam? Por que não segue o exemplo de Electra? Os antigos acreditavam que alguns pássaros, na velhice, eram alimentados pelos filhos.
41. *Têmis*: na mitologia grega Têmis era a personificação da justiça, das leis humanas em sentido abstrato, dos usos e costumes estabelecidos entre os homens.
42. *Rumor recôndito*: *Phama* (correspondente a fama — o que se diz entre o povo), outra personificação da mitologia grega.
43. *Atrida*: Agamémnon, filho de Atreu.
- 43a. *As duas Fúrias*: Clitemnestra e Egisto.
44. A ausência prolongada de Orestes explica o fato, de outro modo difícil de admitir-se, de Electra não o reconhecer. É ainda mais natural que Orestes não a reconheça, pelas mesmas razões, e também por seu aspecto, desfigurada em consequência dos sofrimentos, dos maus-tratos, e da humildade no vestir.
45. *Foceus*: habitantes da Fócida.
46. *Estrófilo*: rei da Fócida; a quem o Preceptor levava Orestes, por incumbência de Electra, no dia da morte de Agamémnon (v. a nota 5).
47. *Estando aí os restos...*: procuramos conservar a ambigüidade do original, que é notável em toda esta cena; é a ironia trágica dos dramaturgos gregos. Os espectadores sabem que nada há na urna, mas Electra supõe que ela contém as cinzas de Orestes; o verso pode ser entendido como uma forma inconsciente de condicional, e também pode soar como se Electra dissesse: *já que os restos estão aí...* Mais adiante há o mesmo uso da ambigüidade quando Electra diz: *Que recebo nas mãos neste momento? Nada*. Isso pode significar, para o espectador, que a urna está vazia, mas para Electra quer dizer que Orestes está reduzido a nada.
48. Neste trecho Electra dirige-se à urna que tem nas mãos e que, no seu entender, contém as cinzas de Orestes. O *nada* do verso 1130 tem duplo sentido, como se fosse uma premonição de Electra de que a urna vinha vazia.
- 48a. A mudança de metro nestes doze versos, que está no original, acentua o desespero de Electra.
49. Orestes reconheceria Electra pouco tempo antes, por sua maneira de falar dirigindo-se à urna.
50. Orestes, que até aqui tratara Electra cerimoniosamente, pois ainda não a reconhecera, passa a tratá-la intimamente.
51. As palavras de Orestes explicam por que não se deu a conhecer logo que reconheceu Electra.
52. *Mas isto não é nada*: Orestes diz a palavra "isto" apontando para a urna.
53. *Que me dizes, menino?*: a passagem do cerimonioso "forasteiro" para o carinhoso "menino" (tal como está no original) assinala o primeiro lampejo de esperança para Electra; a expressão "menino" é natural, pois Electra, embora seja apenas alguns anos mais velha que Orestes, foi quem dedicou maiores cuidados ao irmão, segundo suas próprias palavras ao dirigir-se à urna em que supunha estarem as cinzas de Orestes.
54. *Observa bem este sinete*: *sinete* (*sphragis*) era um anel em que estava gravado o selo real, insígnia do poder. Alguns comentadores acham que o reconheci-

- mento foi muito rápido, e o sinete era prova problemática, mas pode-se dizer, a favor de Sófocles, que num instante, diante do objeto familiar, Electra teve a revelação da identidade do irmão, mesmo porque, ao usar a expressão "menino", dois versos antes, já demonstrara uma atitude mais inquiridora.
55. Até o verso 1279 a alegria de Electra leva-a a desprezar a forma falada e adotar a forma lírica, mas Orestes, ainda preocupado com o que lhe restava fazer para consumir a vingança, prossegue falando normalmente.
  56. Compreendendo que a situação ainda era grave, Electra refreia o júbilo, que a levava a expressar-se liricamente, e retoma a forma falada.
  57. Note-se a transformação de Electra; até reconhecer o irmão mostrara-se heróica, inflexível, porque "tinha de fazer tudo sozinha"; mas agora, que Orestes voltou, torna-se submissa e deixa as resoluções ao irmão.
  58. O sentimento revelado por Electra nestas palavras é profundamente feminino, e caracteriza a mudança de sua atitude, humanizando-se.
  59. *O núncio*: Orestes; *As soturnas* são as divindades infernais vingadoras das mortes injustas.
  60. *Hermes, filho de Maia*: v. a nota 13. Maia fora uma das muitas conquistas de Zeus, e desses amores nascera Hermes, o deus da dissimulação e da astúcia, e também o condutor dos mortos ao Hades.
  61. Outra ambigüidade, mais sensível no original, onde o texto grego equivale aproximadamente a "atingiram a fidalga dona"; pela dupla acepção da palavra grega equivalente a "atingiram", os espectadores entendem "feriram", mas Egisto entende "chegaram até" a dona.
  62. *Argivos*: habitantes de Argos.
  63. Mais uma ambigüidade: para Egisto, as palavras de Electra significavam que ela resolveu submeter-se a ele, mas Electra quer dizer, veladamente, que Orestes chegou, e ela está seguindo-o em seus planos e ações; é neste último sentido que entendem os espectadores.
  64. *Os mortos*: Egisto julgava Orestes morto.

EURIPIDIS

## HÉCUBA

